Joaquim Alves: a contribuição do polígrafo à Historiografia Cearense

João Alfredo de Sousa Montenegro(*)

O autor é indiscutivelmente intelectual dos mais lúcidos, portador de fina penetração, a cobrir diversas áreas do saber voltadas para o homem inserido na cultura, na realidade social, no espaço físico do Ceará.

Por isso, falar de Joaquim Alves não é tarefa fácil, demandando certo amanho daquelas áreas, experiência no trato com a polissemia resultante de perspectivas multifacetadas.

Não chegaria a referir, no caso, procedimento multidisciplinar propriamente dito, mas uma fecunda aproximação de dados de conhecimentos especializados, enriquecendo substancialmente a visão da matéria enfocada.

Essa tendência mais marcante do escritor, sem omitir que, em alguns dos seus textos, predomina a orientação pura e simples da problemática especializada, sem vínculos epistemológicos ou em articulação com outras provenientes de campos vizinhos.

De Joaquim Alves salientam-se os seguintes trabalhos:

- *Nas Fronteiras do Nordeste*, Fortaleza, Tipografia Urânia, s/d.
- *O Ensino Primiário na Primeira Metade do Século XX*, RIC, tomo LXVIII, 1954, p. 129-142.
- *A Divisão do Ceará em Regiões Naturais*, RIC, Tomo LXV, 1951, p. 134-138.
- *Juazeiro, Cidade Mística*, RIC, tomo LXII, p. 72-101.
- *O Vale do Cariri*, RIC, tomo LIX, 1945, p. 94-133.
- *Autores Cearenses*, 2ª edição, Casa de José de Alencar - Programa Editorial, 1997.
- *Estudos de Pedagogia Regional*, Editora Fortaleza, 1939.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

- *História das Sêcas (Séculos XVII a XIX)*, Edições do "Instituto do Ceará", 1953.
- *Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora*, RIC, tomo LVIII, 1944.

Como se vê, Joaquim Alves publicou livros e artigos de conteúdo diversificado, justificando a vocação de polígrafo.

Espírito inquieto, não se contentava em fixar-se apenas num ramo do saber.

Avançava por diversos setores do Conhecimento, tangido pela louvável ambição de cobrir praticamente todo o seu Ceará. No que se demorou notadamente nos domínios da História, da Antropogeografia, da Geografia Física, da Educação, da Antropologia, da Sociologia.

Pesquisador admirável, imprimiu vigorosa originalidade aos seus escritos, sobressaindo entre eles alguns pela sólida reflexão, pelo brilho da linguagem.

2. *Juazeiro: Cidade Mística*, por exemplo, constitui magníficos apanhados de uma fenomenologia religiosa alicerçada numa cultura de fortes raízes indígenas e retrabalhada por um modelo de Catolicismo, gerando valores conflitantes.

Mereceu caloroso elogio do mestre José Honório Rodrigues na introdução ao *Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará*.

A personalidade do Padre Cícero se desenha aí, ganhando contornos realistas, um protagonismo vivo e aliciante, impondo naturalmente um comportamento típico à população local e aos romeiros mais em harmonia com os imperativos do meio, com as aspirações do seu crescimento.

Enfim, uma moral social desatada de princípios abstratos, favorecendo a união familiar, a solidariedade comunitária.

Tradição e progresso se conjugam nesse empenho, presidindo sem traumas às mudanças ocorrentes.

Tudo isso é explicitado por Joaquim Alves a partir dos primórdios do misticismo brasileiro, muito de parceria com as características de formação dos grupos populacionais nos sertões.

As vicissitudes por que passaram tais grupos, assinaladas sobretudo pela influência profunda do meio, formando uma ca-

deia histórica rígida, moldaram um tipo étnico, por demais apegado à terra, sobrevivendo com dificuldades às inclemências do clima, tentando resistir em meio às lutas contra os invasores, aos conflitos entre famílias plantadas em verdadeiros feudos, quase de todo sem contacto com o exterior.

Aí toma ascendência a forte liderança e poder do proprietário rural, concentrando atribuições absolutas de natureza econômica e social. O que faz dele um régulo a constantemente exorbitar de seu poderio.

Interessante a avaliação que o nosso autor faz das "velhas formas de linguagem do século XVII"...

Elas enformam a distinção entre culturas: uma, hoje tida como arcaica, e predominante na "região sanfranciscana", a qual "segregada do contacto cultural", enfeixa centros admiráveis para "pesquisas dialectais", compostos por fazendas, por núcleos de vida primitiva, e localizadas em Pernambuco. Outra "no lado baiano" (onde) outros fatores concorrem para um maior contacto com a vida do litoral distante.

"A lavoura de açúcar, iniciada na Colônia, e as estradas que levaram para o Piauí, Goiás, Bahia e Pernambuco foram vias de circulação da vida econômica e social, em que a cultura afra, emigrada e escrava, teve grande preponderância".

"Daí as diferenciações entre o que se pode chamar *cultura sertaneja* e *cultura sanfranciscana*, nas quais se observam os processos de aculturação do indígena e do negro."[1]

Nas áreas limítrofes do Ceará, Piauí e Pernambuco diferenciam-se as populações entregues ao intercâmbio comercial.

O aspecto dialectal é o mais notório das "áreas culturais em contacto".

As comunidades nascidas com os currais foram palco da ascendência do fator espiritual "em todas as manifestações das atividades culturais", ainda que persistindo no primitivismo de vida.

Perdurou aí o isolacionismo durante duzentos anos.

[1] Juazeiro, Cidade Mística, RIC, tomo LXII, p. 77.

> *O século XIX assinala o início do seu despertar. Sacudido pelas pregações dos missionários que percorreram os sertões na primeira metade, processou-se uma reação profundamente mística na alma do povo, habituado às pregações dos capelães e dos párocos, quando em viagem de desobriga.*[2]

Passa a descrever, então, o surgimento de diversos santuários católicos em Minas Gerais, no médio São Francisco e em outros lugares.

E Joaquim Alves, muito bem fundado em dados econômicos e socioculturais, não tergiversa em sustentar que "o abandono do homem em meio hostil, sem contar com outro auxílio que não o da Divina Providência, não podia deixar de produzir o que realmente produziu: o misticismo do homem rural".[3]

Ponto alto da narrativa do autor é o que cuida da "formação mística de Juazeiro", em íntima conexão com a história do Padre Cícero, história essa ponteada pelo misticismo, misticismo que não se alinha nos moldes clássicos de um São João da Cruz, de uma Teresa de Ávila, mas que assume uma dimensão simplista, compatível com a religiosidade popular, a realçar a figura carismática do padre.

Em torno dele criam-se confrarias, irmandades.

Trata-se de um misticismo afeito à mentalidade de gente simples, e alimentado também pela tradição missionária, a revigorar a moral no seio da família.

Nesse quadro, ainda são fortes até as primeiras décadas do século XX "as palavras proféticas de Frei Vidal da Penha e do Padre Ibiapina".[4]

As peregrinações dão o colorido festivo à cidade de Juazeiro, formadas por caravanas de romeiros que procedem de diversos recantos do Nordeste, especialmente do baixo e médio São Francisco.

---

[2] Ibidem, p. 77.

[3] Ibidem, p. 79.

[4] Ibidem, p. 81.

Em seguida, Joaquim Alves disseca a personalidade do Padre Cícero, detectando nela traços de paranóia, que explicam a vidência exercitada por ele já nos tempos de seminário.

Não deixa, contudo, de registrar a retidão a toda prova do seu comportamento, imbuído que era de grandes virtudes de desprendimento, de entrega total ao próximo, de vida exemplar. O que culminava numa ascese rigorosa, aproximando-o da vida contemplativa.

Completa o seu estudo com observações pertinentes a propósito da participação do sacerdote na política do Estado, figurando provavelmente mais como instância moderadora do que como agente do poder, com os desgastes daí advindos. Também com as grandes transformações sofridas por Juazeiro, levando a cidade a assumir a liderança econômica do Estado.

Nota-se que o autor conseguiu realizar, dessa forma, um dos grandes trabalhos sobre o tema, esmerando-se na análise meticulosa de elementos históricos, sócio-culturais, religiosos, políticos, econômicos e antropogeográficos, numa integração conceitual e factual digna de nota.

Acabou, assim, por produzir uma vigorosa peça intelectual, inaugurando entre nós o que se poderia denominar prenúncio de orientação teórico-metodológica de cunho multidisciplinar.

3. *O Vale do Cariri* representa por igual seguro contributo ao conhecimento da rica região cearense nos seus aspectos mais gerais: geofísico, antropogeográfico, fitogeográfico, hidrológico, histórico, econômico e cultural.

Trata-se de minuciosa pesquisa, facilitada pela convivência com aqueles aspectos, pois filho de Jardim, cidade ali encravada, mantendo e cultivando larga empatia com a fisionomia e com os problemas do Cariri, inclusive na parte que vai além dos limites do Ceará.

De sorte que daí resultou apreciável conhecimento a dar respaldo ao ensaio *Juazeiro, Cidade Mística.*

Quer-se crer que constitui um dos escritos mais alentados sobre o Cariri cearense, singularizando-se pela precisão dos dados, pela notável visão de conjunto, pela importância do material

processado e analisado, servindo de apoio inestimável às políticas públicas ali implementadas.

Observa-se, ao longo do trabalho, o rigor metodológico na exploração do filão enorme dos elementos multifacetados e reconstituídos no seu posicionamento certo e inamovível, espancando erros seculares de apreciação e registrados em páginas de compêndios e de monografias.

Veja-se, por exemplo, como se fizeram mais claros e precisos os limites do vale, as exposições sobre a flora.

O povoamento da região, objeto inclusive de controvérsia entre Antônio Bezerra (*Algumas Origens do Ceará*) e João Brígido, é encarado magistralmente por Joaquim Alves, ajudando a dirimir a controvérsia e trazendo à liça novas referências sobre o assunto.

Com efeito, a historiografia cearense adentra, nesse aspecto, novos caminhos.

Valioso capítulo sobre *Datas de Sesmarias do Cariri*, as quais expostas em ordem cronológica, permitindo melhor compreensão da "marcha da ocupação" do vale.

4. *Nas Fronteiras do Nordeste* (Estudo de Sociologia) é uma monografia de grande fôlego e se situa entre as melhores produções do escritor.

Importante sublinhar que ele, logo no prólogo, manifesta uma concepção de história ainda em voga na época, materialista e concebida por Buckle e Taine nessas condições, afirma:

> *Estudando a evolução duma sociedade, não podíamos iniciar pelas instituições dominantes; uma camada mais profunda se destaca nas organizações sociais - a terra com os seus agentes modificadores.*
>
> *A Filosofia da História, orientada pelo método materialista, coloca como base sobre a qual se erguem as sociedades - a terra e o homem.*[5]

[5] Nas Fronteiras do Nordeste, ob. cit., p. III.

E prossegue ele dizendo que se tem aí algo que alterou profundamente a mentalidade do século XIX.

Como se verifica, o nosso autor ainda está sob influxo de uma larga faixa temporal na qual pesava o confronto entre o reacionarismo e o progressismo que inclusive abrigava "a construção social do Cristianismo".

O que é malsinado é a crença num direito divino ansiosa por se universalizar, a tudo querendo inspirar e dar corpo.

Não se trata, pois, de uma oposição entre materialismo e espiritualismo, mas de uma repulsa a um produto da herança teológica medieval inaceitável hoje pelos próprios Cristãos.

E retomo o brilhante intelectual cearense:

> *Do entrechoque das correntes contrárias, surgiu a moderna concepção da história, que deixou de ser o simples relato de vida dos príncipes, para se constituir em disciplina autônoma cujo estudo serve de introdução aos conhecimentos gerais das Ciências e das Artes, das Letras e da Filosofia.*[6]

Há um evoluir natural da organização social, das instituições coletivas, desde a mais primitiva célula social até ao formato exuberante do Estado moderno.

Contudo, aquele evoluir não atinge de imediato as camadas inferiores da sociedade, a reterem hábitos e costumes retesados no tempo; estes "se amalgamam às modernas concepções do direito da gente".

Aparecendo como pilar da organização social, a terra, no entendimento do autor, suscita a prevalência da geologia regional, à qual acrescidas anotações sobre a flora e a fauna.

De modo que estas áreas das ciências naturais formam o cenário de nascimento e desenvolvimento das raças no Nordeste.

É aí que o mestiço é avaliado, admitindo o conceituado professor uma atrofia física dele, ao contrário do que ocorre no

[6] Ibidem, p. IV.

lado intelectual. O que é facilmente comprovado pela presença brilhante desse biotipo nas letras, nas ciências e nas artes.

Não obstante o peso basilar da terra e do homem numa "construção social duradoura", é indispensável a força irradiante do ideal, a fim de que ela se processe normalmente e se consolide.

Percebe-se, então, a valiosa missão dos filósofos, dos sábios e dos sacerdotes no adensamento e na renovação das energias sociais.

Todavia, tal não ocorre simetricamente no interior da sociedade global.

As "populações iletradas" assimilam o produto daquela missão de forma irregular e precária, nutrindo crenças "que suavizam a miséria dos fracos e a angústia dos infortunados".

Professa, conseguintemente, Joaquim Alves uma concepção elitista do homem e da sociedade, por influência do renitente conservadorismo/tradicionalismo que perdurava dominantemente entre os intelectuais e as pessoas que desempenhavam papéis influentes no Estado e na Sociedade.

Mesmo os que se jactavam de progressistas se deixavam aqui e acolá trair-se pelo ranço do atraso.

5. *Autores cearenses* diz sobejamente da amplidão de conhecimentos de Joaquim Alves, do epíteto de polígrafo que merecidamente recebe.

É que, desta vez, elabora ensaios de crítica, detendo-se no exame de livros a versarem temas diversificados: literatura, historiografia, economia, filosofia.

Abre o elenco de apreciações, todas elas eivadas de erudição e de fino trato com as coisas do espírito, com uma vista panorâmica sobre as realizações científicas e culturais do seu tempo.

Cenário de Duas Gerações ocupa-se basilarmente dos magníficos resultados de amplas operações em prol da vida e do progresso humano.

Salienta o advento de uma nova geração que se depara com ingentes transformações sociais.

> *O homem que se encontra além dos quarenta foi contemporâneo da primeira grande guerra de 1914, período que serve de marco divisor de duas gerações.*[7]

Nos dez primeiros anos do século transato a literatura preencheu todo o espaço cultural, sobressaindo a linguagem depurada.

Nesse período veio a lume *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, admirável interpretação social de um Brasil em formação.

O mais, relacionado com o pensamento filosófico, com o Direito, com a Ciência, provinha da França, com acréscimo ingleses e germânicos.

A elaboração de Tobias Barreto constituía a única que destoava do que se importava nessa matéria.

Atribui a Farias Brito missão ímpar no campo do "Conhecimento generalizado".

Critica os que se obstinam em situá-lo em plano secundário, deixando de lado a reação que empreendeu contra "normas dominantes".

Ocupa-se ainda da nascente Sociologia no Brasil, referindo-se ao pioneirismo de Sílvio Romero e ao movimento encetado por Soriano de Albuquerque na Faculdade de Direito do Ceará.

Cita o nome de Leiria de Andrade, o sucessor de Soriano, de passagem meteórica naquela Faculdade, onde projetou o brilho de sua inteligência.

Recapitula momentos brilhantes da geração de 1914, após a morte de Soriano.

Então, liam-se Eça de Queiroz, Ortigão, Cândido de Figueiredo, entre os portugueses.

O Liceu e a Faculdade de Direito, em Fortaleza, era palco de debate ao redor de autores franceses, como Victor Hugo, Flaubert, Zola, Renan, Taine.

Destes, sobretudo Renan, impregnado de ceticismo, fazia a crítica racionalista dos fenômenos religiosos.

[7] Joaquim Alves, Autores Cearenses, p. 16.

Taine, antropogeógrafo determinista, e Buckle, filósofo da história, distilando pessimismo sobre "a evolução cultural dos meios tropicais", também se faziam modelos de certeza científica.

Continuando a interpretação da obra de literatos e pensadores, desta vez alcançando a geração que se segue, à de 14, o nosso autor promove eruditos comentários, numa abordagem que se pode dizer sociológica de cultura, demonstrando o vigor do seu pensamento.

No capítulo intitulado *Corrente de Idéias* destaca uma circunstância que aponta ou condiciona uma etapa nova da produção cultural, numa amostra inequívoca de uma orientação teórico-metodológica renovada a sustentar uma postura sociológica de vanguarda.

Nessas condições, expende ele:

> *Uma nova ordem econômica e política cria o ambiente para uma nova situação cultural, correspondente à ideologia dominante. Foi o que ocorreu no século XIX que assistiu a mutações sucessivas, segundo a evolução realizada no domínio cultural e social. Ao romantismo, primeira etapa da economia liberal, sucedeu o naturalismo, reagindo contra o impulso da imaginação e colocando-se ao lado dos novos ideais políticos e econômicos, definidos pelos operários que se organizavam contra a burguesia triunfante.*[8]

Nesse depoimento se corporifica o avanço no pensamento de quem, conforme visto, começara com um ideário francamente conservador, firmado até em ideologias já decadentes, não mais viabilizadas no momento em que retomadas.

Isso atesta à saciedade o fato de que Joaquim Alves, ao desenvolver etapas sucessivas de pensamento, conviveu com situações várias, as primeiras das quais afetadas por certo naturalismo proveniente de adesão a uma tendência da Geografia, ou melhor dizendo, da Antropogeografia de conluio com a taxionomia

[8] Corrente de Idéias, *in* Autores Cearenses, ob. cit., p. 25.

de uma Geografia Física, de uma Geologia, que o arrastava para a sobrevalorização do fator terra na Sociedade, na Cultura.

A verdade é que, no seu ideário atualizado ele assume posições subscritas até por Lucaks, o grande pensador marxista, ainda hoje bem aceito, que logrou a construção de uma Sociologia da Literatura, que recolheria sem dúvida aquele depoimento.

No capítulo *Das Leis Econômicas e outros Estudos de Djacir Menezes* o escritor em objeto aprofunda o seu nível de interpretação, demorando-se na reflexão de caráter filosófico ao abranger de modo sintético aspectos gerais da obra do pensador cearense.

Observa que a meditação de Djacir exibe o "sentido experimentalista", fundado no materialismo, sem o qual não se dão regularmente as aplicações práticas das ciências.

Mostra nela o ressurgimento dos princípios da Enciclopédia Jurídica, ministrados pioneiramente em Fortaleza por Soriano de Albuquerque.

Também proclama que a Biologia, encarnada na Sociologia, evolui em sintonia com a formação dos "princípios constitutivos do Direito em suas relações com os indivíduos e com a coletividade".[9]

6. *Estudos de Pedagogia Regional* revela uma notável faceta do perfil intelectual de Joaquim Alves.

Para se obter uma idéia límpida do que representa, basta deter-se no prefácio escrito por Djacir Menezes.

Este último externa uma avaliação elevada daquele perfil, afirmando que o autor, mercê de dilatada experiência e de profícuo conhecimento do meio rural, apropriou-se de recursos ponderáveis a lastrearem as suas pesquisas antropogeográficas.

E ajunta outros argumentos de peso, proclamando que o ensaio em tela não fica nada a dever em relação ao que se edita nos "meios adiantados", e que permanece livre de qualquer "sectarismo doutrinário".

Djacir testemunha a dedicação e aprumo intelectual do escritor, entregue diuturnamente a investigações sérias e, em particular "a planteamento dos problemas educacionais do Nordeste".

[9] Joaquim Alves, ob. cit., p. 55.

Ressalta o seu talento, fecundo e produtivo, desprovido de qualquer apoio, impondo-se a todo custo, suplantando barreiras de toda ordem.[10]

Começa Joaquim Alves por mostrar que a escola brasileira contemporânea se baseia na "Psicologia experimental aplicada à Pedagogia", objeto de aprendizagem nos cursos normais e daí se irradiando o conhecimento com vistas à formação do mestre primário.

Após indagar se aqueles cursos de Psicologia Pedagógica têm logrado êxito no cumprimento de suas finalidades, termina por afirmar que não, e enquadra os motivos.

Não existe compatibilidade entre o que se transmite, proveniente de fontes estrangeiras a inundarem os compêndios utilizados em salas de aula e os resultados pífios obtidos na prática.

É que não há nos laboratórios da escola o material necessário à experimentação.

Tal acarreta forçosamente a anulação do esforço do mestre e o desânimo do estudante, afetado grandemente pelo irrealismo do ensino tão visível no verbalismo, quase sempre deslocado dos interesses e das motivações suscitadas pelo meio social, pela comunidade.

Enfatiza ainda o autor a ausência de um critério único na organização dos programas de ensino, prejudicando seriamente o empenho pela formação de uma "grande nacionalidade", que requer uniformidade na sua formação cultural.

Cita o exemplo do distrito federal de então, o Rio de Janeiro, de São Paulo e Minas, cujas escolas obedecem criteriosamente aos ditames locais. Ou seja: "As suas características são traçadas pelo desenvolvimento progressista que condiciona toda a vida cultural, ora restringindo determinado domínio do Conhecimento, ora ampliando outros setores de atividade, imprimindo em tudo, porém, um ritmo de progresso, aproximando para os mesmos destinos tendências que pareciam distanciar-se no conjunto das atividades sociais".[11]

[10] Estudos de Pedagogia Regional, Prefácio, p. 6-7.

[11] Ibidem, p. 15.

Desse modo, avulta a organização do ensino profissional, tendo em mente as possibilidades das indústrias, especialmente em São Paulo. Assim como a orientação precipuamente ruralista da escola mineira, favorecendo o crescimento dos misteres agropecuários a sustentarem a economia dos Estados.

Finalmente, cumpre observar o desenvolvimento do ensino básico no Ceará.

Aqui a renovação escolar inicia-se no governo Justiniano de Serpa, que conseguiu atrair para esse objetivo o grande educador Lourenço Filho.

Na curta temporada que passou entre nós o destacado preceptor o ensino da Psicologia adquiriu forte alento.

Deixou de imediato a orientação a ser seguida.

Na gestão de Matos Peixoto toma considerável impulso as atividades relacionadas ao setor educacional sob a direção de Moreira de Sousa no órgão denominado *Instrução*, atividades aquelas que se dinamizam ainda mais na administração Carneiro de Mendonça.

É promovida, então, ampla reforma. A Cadeira de Psicologia é desmembrada em três, com a criação da de Pedagogia e a de Técnica do Ensino.

Todavia, essa conquista foi quase de todo frustrada em virtude da ausência de uma Cadeira de Sociologia Educacional, de parceria com a de Pedagogia.

Da reforma do Curso secundário resultou o curso ginasial, prenunciado a do Normal.

Eis aí algumas indicações que demonstram o interesse de Joaquim Alves também pela Educação, num posicionamento inequívoco de polígrafo, de homem plural, aberto às múltiplas manifestações do espírito.

7. Dar-se-á agora atenção aos aspectos mais dinâmicos e completos da historiografia cearense na abordagem do ilustre intelectual.

É que se privilegiará de logo aquele corpo de narrativas históricas inteiriças, não intermediadas por matérias atinentes a diversas ciências ou áreas do conhecimento. Ou mesmo desacompanhadas daquelas narrativas.

E, nesse propósito, trar-se-á a lume o ensaio *O Ensino Primário na Primeira Metade do Século XX* (RIC, Tomo LXVIII, 1954, p. 129-142).

Concerne ele a uma rica perspectiva da História da Educação, uma das páginas mais lúcidas da historiografia cearense.

Tentar-se-á capturar o rico significado de uma narrativa que contém, entre outros méritos, o de aplicar o método quantitativo/estatístico num período no qual inusitado entre nós essa orientação metodológica.

Depois de expender os primórdios da escola primária no Brasil, já na Colônia a cargo do Estado, cabendo às ordens religiosas a instalação dos primeiros colégios destinados aos filhos de famílias abastadas, enfatiza o ensino de Latim, Português e Cálculo "para rapazes das famílias mais consideradas da cidade".

No Império, não se descurou o crescimento das atividades educacionais, proporcionando a disseminação das escolas primárias no interior.

Na República, continuou o mesmo interesse, encontrando, porém, no Ceará, um forte obstáculo: as secas que restringiam as possibilidades dos governos.

Mesmo assim, houve aumento no número das escolas espalhadas pelo "hinterland".

Esse aumento acompanha o crescimento da população.

Afirma Joaquim Alves:

> *Ao findar o século XIX o Estado contava com 336 escolas, nas quais estavam matriculados 11.305 alunos, com uma freqüência de 8.821. As despesas com o ensino elevavam-se a Cr$ 417.560,30, soma vultosa para aqueles tempos dificultosos.*
>
> *Respondia pela formação e orientação do professorado o professor José de Barcelos, com estágio na Europa, onde teve oportunidade de entrar em contacto com os mais modernos métodos de ensino, que, no entanto, não foram aplicados entre nós, em virtude das dificuldades econômicas do Estado que não podia custear as despesas com melhoramentos técnicos de vulto.*[12]

[12] O Ensino Primário na Primeira Metade do Século XX, ob. cit., p. 129.

Menciona ainda, dois educadores que ganharam notoriedade nos primeiros vinte anos do século transato: Odorico Castelo Branco, fundador do Instituto Miguel Borges, e Joaquim da Costa Nogueira, do Instituto de Humanidades.

Abriram eles caminhos novos para o ensino primário no Ceará.

O professor Nogueira esmerou-se em reformas, atualizando o ensino, pondo-o em pé de igualdade com o que era ministrado nos grandes centros educacionais.

Nesse tempo, Fortaleza tinha 48 mil habitantes, distribuídos irregularmente por uma área minuciosamente descrita pelo autor, inclusive no referente à vida econômica.

Estabelece oportuno confronto entre as rendas estaduais, entre 1890 e 1900, e os imperativos do ensino, mostrando que aquelas eram deficitárias, não só em relação às despesas do Estado, como também em atinência com o ensino primário, por isso mesmo impedido de se desenvolver.

E aponta números do orçamento público:

> *No último qüinqüênio do século XIX, só em 1898, as rendas atingiram ocasionalmente, Cr$ 3032.417,60. Isto porque o imposto da borracha de maniçoba rende Cr$ 500.928,00. Em 1900 caíram para Cr$ 2687.993,30.*[13]

Tal demonstra um ritmo de instabilidade que impedia a realização de acentuados melhoramentos no setor do ensino.

Novamente, recolhe dados estatísticos neste campo, permitindo uma avaliação mais justa.

Valiosa a periodização que estabelece na centúria que findou.

O período de 1901 a 1922, o deste ano e de 1930 até o ano de 1954.

Escreve ele:

> *Até 1922 predominou o empirismo pedagógico da escola antiga. Do ano da independência até a revolução de 1930, foi a*

[13] Ibidem, p. 130.

> *fase de início da reforma do professor Lourenço Filho, que modificou fundamentalmente os métodos de ensino normal e primário. De 1930 em diante consolida-se, em suas linhas gerais, a reforma do ensino, sob a direção do professor Joaquim Moreira de Sousa, no período administrativo do Interventor Carneiro de Mendonça.*[14]

E novos dados estatísticos são trazidos à liça, traduzindo novas etapas do ensino primário no Estado.

Dados, na verdade, bastante esclarecedores, apreendendo, entre outras coisas, causas da evasão escolar.

Também com respeito à evolução das matrículas.

Entre 1921 e 1930 ocorre a segunda fase do ensino primário no Ceará.

É de se salientar

> *A grande reforma iniciada pelo Prof. Lourenço Filho, no governo Justiniano de Serpa, em 1922, e continuada pelo Prof. Joaquim Moreira de Sousa, no governo Matos Peixoto e, no período revolucionário, durante a Interventoria do Capitão Carneiro de Mendonça. A reforma do educador paulista traçou novas diretrizes à organização do ensino primário e normal, substituindo o tradicionalismo da escola antiga pelos métodos modernos.*[15]

8. *História Econômica do Ceará* encerra preciosos comentários de Joaquim Alves sobre o livro do historiador Raimundo Girão.

De começo, defende a tese da proximidade da História com a Sociologia, a Economia, a Geografia, a Administração.

E, retomando direção expendida linhas acima, indica a dependência dos fatos sociais às ligações do homem com a terra, sem esquecer de citar a proeminência por igual dos recursos naturais, "do desenvolvimento cultural, resultante do progresso da técnica, das possibilidades proporcionadas ao homem pelo meio.[16]"

[14] Ibidem, p. 131.

[15] Ibidem, p. 134

[16] História Econômica do Ceará, *in:* Autores Cearenses, ob. cit., p. 99.

Esboça o caráter abrangente e rico do livro em questão, contendo os traços mais uniformes da evolução econômica do Ceará, os ciclos nele desenrolados.

Nessa monografia, Joaquim Alves dá primazia à História Econômica, entre outros ramos da ciência de Heródoto.

Nisso ele praticamente repete o que disse em páginas anteriores, conforme visto.

Ela se apresenta como a essência da evolução de um povo, dilucidando problemas socioculturais e políticos.

Já em *História da Literatura Cearense,* falando do livro de Dolor Barreira, alude à "classificação do escritor, segundo a influência que a sua obra recebeu do meio geográfico em que foi vivida".[17]

9. *História das Sêcas* representa inquestionavelmente o ensaio mais alentado da obra de Joaquim Alves.

Compreende os séculos XVII a XIX e preenche a primeira parte do trabalho projetado pelo autor, impedido de concluí-lo em razão de sua morte prematura, alcançando o século XX.

O que conseguiu pesquisar e escrever constitui estudo dos mais meritórios, seguindo o sábio Tomaz Pompeu Sobrinho, que lhe fez a introdução.

Com efeito, diz esse cientista que o nosso autor empreendeu investigação cuidadosa nas contribuições oferecidas por autoridades no assunto, avaliando bem de sua utilidade, afora o que perquiriu para trazer mais luzes para o tema.

Colocar-se-á aqui a diretriz historiográfica assumida pelo polígrafo cearense.

Em primeiro lugar, é de se destacar o vasto apanhado histórico do problema das secas, desde os primeiros anos coloniais, começando pelas Capitanias, a ensejar uma descrição pormenorizada da situação da terra, dos seus primitivos habitantes e da reação dos colonizadores diante do fenômeno climático.

Traz a prelo relatos escritos como os de Pero Gandavo, entre 1570 e 1580, dando conta do fenômeno e da sua incidência na flora e na fauna, nas comunidades humanas.

[17] Autores Cearenses, ob. cit., p. 91.

Tem por títulos *Tratado da Terra do Brasil* e *História da Província de Santa Cruz.*

A partir do século XVII produziram-se os primeiros esforços no sentido da ocupação da terra cearense, com a expedição de Pero Coelho.

Relata as secas ocorrentes no Ceará durante o século XVII.

Em seguida, ocupa-se das mesmas no decurso do século XVIII, arrimado em dados estatísticos, o que dá ao estudo, a partir daí, uma considerável aplicação do método quantitativo.

Então, já se oferecem subsídios importantes acerca do crescimento populacional, dos embates com os índios, do aumento dos rebanhos, com a formação das fazendas de criar.

Estuda detidamente as migrações em função das secas.

Segue-se a enumeração das secas por todo o século XVIII, com menção às providências de ordem governamental, com o objetivo de minorar os seus efeitos e o impacto delas na economia.

Registra o crescimento econômico da área das secas no período colonial, a se apresentar em fazendas e engenhos.

Os intensos sofrimentos da população em decorrência delas são relatados, sublinhando, sobretudo, o impedimento à vinda de socorros, em razão do isolamento daquela população e a grande distância entre as rarefeitas comunidades.

Em conseqüência, prejuízos enormes sofreram a indústria das carnes, a riqueza particular, abalando as famílias patriarcais.

O mesmo critério de abordagem é utilizado na seqüência dos capítulos, realçando mais e mais o desenvolvimento do Nordeste, do Ceará, demorando-se na sua maior diversificação econômica, em novas providências do governo contra o fenômeno malsinado, em estudos mais aperfeiçoados sobre as suas causas e efeitos por todo o século XIX.

O trabalho é muito enriquecido com o relatório de viagens da autoria de estrangeiros que por aqui aportaram, como Koster, Gardner e outros, dando conta de aspectos interessantes da sociedade e da economia no Ceará.

Há, porém, um relato de viajante que foge à regra geral, vazado em termos científicos.

É o de Orville A. Derby, abordando o fenômeno das manchas solares e a sua influência no aparecimento das secas.

Frisa, em seguida, as primeiras iniciativas em defesa das populações rurais, molestadas pelas secas, na primeira administração do Senador José Martiniano de Alencar, no Ceará, cuja elevada visão levou-a a tomar providências interessantes com aquele propósito, através de lei que estimulava a construção de açudes. "Como fatores de proteção da propriedade e da região", preservando, desta maneira, o desenvolvimento econômico e social.

Novos titulares da Ciência são referidos com os seus estudos sobre as secas, destacando-se Viriato de Medeiros e o Senador Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, a oferecerem sugestões valiosas nesse terreno.

Recapitula a iniciativa altamente pertinente de Tristão de Alencar Araripe, e expressa em discurso pronunciado na Câmara, na sessão de 27 de junho de 1877, o qual recebeu o título de "Providências relativas às secas do Ceará".

Nele acentua as condições da região Nordeste (incluída então na mesma acepção de *Norte*), focalizando a necessidade de modificação das condições da região.

Levanta meios para tanto, enfatizando pioneiramente o levantamento da "planta e orçamento de um canal que abra comunicação do São Francisco com o rio Salgado e o rio Jaguaribe, no Ceará, de modo que nestes dois rios estabeleça-se uma corrente perene".[18]

Acentuem-se ainda as vigorosas pesquisas encetadas pelo Instituto Politécnico, fundado no Rio de Janeiro em 1877, ao tempo da terrível seca.

Projetos e planos orçamentários advieram daí, aumentando de muito os conhecimentos e o raio de ação de combate ao fenômeno.

Traga-se a lume ainda o apreciado estudo realizado no período imperial por Marco de Macedo e intitulado "Observações sobre as Secas do Ceará e os Meios de Aumentar o Volume d'Água nas Correntes do Cariri".

[18] História das Sêcas, ob. cit., p. 189.

É alusivo à canalização do rio São Francisco para o Salgado, afluente do Jaguaribe.

O trabalho foi apresentado em 1847. Domingos Jaguaribe sobre o mesmo escreveu um opúsculo: - "Contribuição para a canalização do Rio São Francisco ao Jaguaribe" (editado em 1894 por Gustavo Fischlin, Bruxelas).

Sobre aquela canalização escreve Joaquim Alves várias páginas, denotando a sua imensa importância para o Ceará, mais particularmente.

10. Face ao exposto, não há como evitar a constatação do espírito polimorfo de Joaquim Alves, aceitando e vencendo o desafio de construir uma rica obra, assinalada por uma diretriz intertextual, a de interligar múltiplos textos, franqueando uma aguda visão de conjunto das peculiaridades físicas, antropogeográficas e históricas do Ceará.

E, desse modo, disponibilizando sólido instrumental de enriquecimento da historiografia, liberando-a dos pesados suportes factualistas, predispondo-a ao que se poderia denominar uma história sociológica, de que aquela tanto carece, conquistando uma etapa a mais na sua trajetória.

Aliás, ele próprio chegou a manifestar a confirmação dessa tese:

> *O Instituto do Ceará realiza no Estado uma das obras mais notáveis de reconstituição histórica. A sua finalidade, como organização cultural, compreende os setores de filosofia, das ciências e, em especial, da história e da geografia cujo estudo constitui um todo pela interdependência existente entre ambas, pelo valor que têm na interpretação dos fatos sociais.*[19]

Em conseqüência, toda a sua produção intelectual não poderá ser desatada dos cuidados do historiador, qualquer que seja a esfera em que se demore.

[19] Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, RIC, Tomo LVIII, p. 221.